

O COTIDIANO NOS MÚLTIPLOS ESPAÇOS CONTEMPORÂNEOS

Alunos: Juliana Sant'Anna dos Santos Veras

Pedro Guimarães de Barros

Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Introdução

Embora tempo e espaço sejam categorias básicas da experiência humana, suas concepções não são imutáveis. Elas estão sempre atreladas a determinadas sociedades e/ou a determinados períodos da vida social, nos quais não necessariamente têm pesos iguais (Harvey, 1989/1999).

Até o período moderno, essas duas categorias mantinham entre si uma relação estável. Espaço era aquilo que homens, mulheres e crianças podiam atravessar com maior ou menor rapidez utilizando recursos básicos, como as próprias pernas ou as pernas de um animal. Tempo, por sua vez, era aquilo de que se necessitava para percorrer um determinado espaço fazendo uso desses mesmos recursos (Bauman, 2000/2001).

A intensa aceleração do tempo, impulsionada pelo processo de industrialização e pelo desenvolvimento de novas tecnologias no século XIX e início do século XX, abalou a íntima associação entre tempo e espaço. O tempo necessário para os deslocamentos espaciais foi drasticamente reduzido com o surgimento dos automóveis e de outros meios de transporte cada vez mais rápidos. Além disso, o desenvolvimento de novos meios de comunicação, como o telégrafo e o telefone, possibilitou o envio de mensagens instantâneas para interlocutores espacialmente afastados, superando a barreira que a distância até então representava para a comunicação. Com isso, o espaço tornou-se menos relevante, o que resultou no predomínio da categoria tempo sobre a categoria espaço.

Essa ruptura na relação espaço-tempo representou uma das principais características da modernidade. Nas perspicazes palavras de Bauman: “A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação...” (Bauman, 2000/2001, pp. 15-16).

Algumas décadas depois, já na segunda metade do século XX, ocorre uma nova alteração radical nas concepções de espaço e de tempo. Esta nova mudança é considerada por diversos autores um dos marcos do fim do período moderno (Bauman, 2000/2001, Sennett, 1998/1999; Harvey, 1989/1999, Jameson, 1984,¹ 1991/1997; Virilio, 1984/1999). O avanço das tecnologias de telecomunicação (caracterizado pela integração de diferentes pontos do mundo via satélite) inaugura a era da instantaneidade e da integração multinacional. Com a difusão dessas tecnologias, o tempo foi como que congelado em um eterno presente. Deste modo, a categoria tempo perde destaque e, nas discussões acerca do mundo atual, os holofotes são voltados para as noções de espaço. Como ressaltava Jameson: “nossa vida cotidiana, nossas experiências psíquicas, nossas linguagens culturais são hoje dominadas pelas categorias de espaço e não pelas de tempo, como o eram no período anterior do alto modernismo” (Jameson, 1991/1997, p. 43).

Evidentemente, essa drástica mudança na relação espaço-tempo (que até agora descrevemos em uma perspectiva teórica), altera profundamente nossos hábitos e nossa forma de estar no mundo. As tecnologias digitais incorporadas ao nosso cotidiano (principalmente a

¹ Essas primeiras idéias sobre a lógica cultural do capitalismo tardio foram re-impressas em Jameson (1991/1997).

Internet e o telefone celular) introduziram modificações nos espaços físicos e geraram novos espaços de vida, alternativos a estes (Nicolaci-da-Costa, 2005).

Objetivos

Partindo dessa reflexão que apontou a proeminência das categorias espaciais, nosso interesse se voltou para os efeitos dos novos espaços de vida no cotidiano de homens, mulheres e crianças, e surgiram diversas indagações. Baseados nessas indagações, procuramos estabelecer uma única pergunta que sintetizasse nossos questionamentos e pudesse nortear nossa pesquisa. Chegamos então à seguinte questão: *Quais os impactos que a vida em diferentes espaços físicos e virtuais está produzindo nas novas gerações?*

Embora os novos espaços de vida certamente afetem indivíduos de todas as idades, escolhemos levar a cabo nossa investigação tomando como foco os jovens. Essa escolha foi motivada por duas razões principais. A primeira delas é que os jovens são os maiores usuários das tecnologias que geram novos espaços. A outra razão é que, por serem os maiores usuários de tais tecnologias, são também os jovens que transitam pelos novos espaços (físicos e virtuais) com maior frequência e naturalidade.

Metodologia

A pesquisa foi conduzida em todas as etapas de acordo com os princípios do MEDS, Método de Explicitação do Discurso Subjacente (Nicolaci-da-Costa, 2007). Trata-se de um método qualitativo em que os dados são coletados através de entrevistas abertas realizadas em contextos informais, onde o entrevistado se sinta à vontade. Como a maior parte dos métodos qualitativos que se utilizam de entrevistas para a coleta de dados, o MEDS foi desenvolvido para encontros presenciais. No entanto, levando em conta que um dos fundamentos do MEDS é que as entrevistas se aproximem o máximo possível de conversas informais cotidianas e que, nos últimos anos, boa parte dessas conversas migrou para a Internet, consideramos viável e adequada aos nossos objetivos a realização de entrevistas *online* (ver Nicolaci-da-Costa, 2009).

Dada a popularidade e o amplo uso entre os jovens do MSN Messenger, as entrevistas foram feitas por meio deste programa, sempre em horários convenientes para os entrevistados e, na medida do possível, sem interrupções que comprometessem a fluência da conversa. O MSN Messenger é um aplicativo que possibilita a interação em tempo real através da troca de mensagens por escrito. Com isso, não foi necessário transcrever os diálogos dos entrevistadores com os participantes. Eles foram integralmente copiados do Messenger e colados no Word (programa de edição de textos) para que pudessem ser arquivados e impressos para as fases de análise do discurso.

1. Participantes

Não foi estabelecida a priori a quantidade de sujeitos a serem entrevistados. Essa quantidade foi determinada pelo critério de saturação da informação, que é o fenômeno que ocorre quando, após certo número de entrevistas, os relatos dos novos entrevistados começam a se apresentar muito semelhantes aos relatos já ouvidos, surgindo poucas informações novas (Nicolaci-da-Costa, 2007). Nesta pesquisa, o ponto de saturação foi atingido após a realização de 20 entrevistas.

Para participar da pesquisa, foram escolhidos jovens entre 18 e 25 anos, pois, como já foi dito, esta faixa etária é a que mais utiliza os recursos tecnológicos associados aos novos espaços. Além disso, os participantes pertenciam às camadas socioeconômicas médias e altas (novamente por terem mais fácil e amplo acesso às tecnologias digitais), e residiam na cidade do Rio de Janeiro. Por fim, todos deveriam possuir celulares próprios e ter ao menos um

computador em suas residências. O contato com esses jovens foi feito a partir da indicação de amigos e conhecidos em comum.

Para preservar seu anonimato, os nomes a eles atribuídos no relato da pesquisa são fictícios.

2. Instrumento de Coleta de Dados: o Roteiro das Entrevistas

Foi elaborado um roteiro para servir de guia ao entrevistador. Este roteiro não era constituído de perguntas rígidas (como um questionário), e sim de itens que deveriam ser abordados ao longo da entrevista. Desta forma, os tópicos podiam ser encadeados em qualquer ordem (não necessariamente na ordem do roteiro) e as questões eram formuladas durante a própria entrevista, de modo a garantir a espontaneidade da conversa. Para tanto, o entrevistador podia fazer uso de perguntas fechadas (para abrir determinado assunto) seguidas de perguntas abertas (com a finalidade de aprofundar a questão anterior).

Antes da realização das entrevistas definitivas, foram feitas diversas entrevistas-piloto com o intuito de lapidar o roteiro original e também de familiarizar os entrevistadores com todos os itens a serem abordados. Assim, foi possível chegar a um roteiro que compreendia todos temas que interessavam à nossa pesquisa, sem ser demasiado longo e cansativo para os entrevistados.

Logo no início da conversa, o entrevistador se apresentava (em geral o entrevistado em potencial já sabia que seria contactado para participar de uma pesquisa) e esclarecia que as informações fornecidas seriam utilizadas com finalidade acadêmica, sendo preservada a identidade do participante. O entrevistado também era informado acerca do tempo médio de duração das entrevistas (em torno de uma hora). Perguntava-se então se ele estava disposto a participar e se a entrevista podia ser realizada naquele momento. Uma vez o entrevistado aceitando, a entrevista era iniciada.

A primeira parte do roteiro dizia respeito aos dados do entrevistado (idade, o que estudava e há quanto tempo usava Internet e celular). Já a segunda percorria diversos aspectos relacionados aos usos e preferências das tecnologias que criam novos espaços: Internet (MSN, Orkut, Blog, Fotolog e e-mail, entre outros), computador, telefone fixo, celular, televisão, rádio, etc.

Um item muito importante dessa segunda parte era o print screen, isto é, uma espécie de foto da tela do computador em uso. Este recurso funciona apertando-se a tecla Print Screen (localizada no canto superior direito dos teclados convencionais) e em seguida colando em um documento de qualquer programa de edição de texto ou imagem (como Word ou Paint, por exemplo). Era pedido ao participante que enviasse esse documento pelo próprio Messenger ou por e-mail ao entrevistador. Assim, era possível saber quantas e quais janelas (de programas) estavam sendo utilizadas pelo entrevistado no momento da entrevista. As perguntas iniciais partiam das informações fornecidas pelo print screen.

Eventualmente, alguns entrevistados discorriam sobre mais de um item do roteiro ao responder uma só pergunta. Quando isso acontecia, aquele tópico não precisava ser abordado novamente, a menos que carecesse de aprofundamento ou esclarecimento. Para finalizar a entrevista, o entrevistador perguntava se o participante gostaria de fazer algum comentário acerca dos assuntos tratados ou acrescentar alguma informação.

A seguir é apresentado o roteiro completo.

Roteiro das Entrevistas:

PRIMEIRA PARTE (dados objetivos):

Idade

O que estuda

Há quanto tempo usa a Internet

Há quanto tempo usa celular

SEGUNDA PARTE:

1. Pedir print screen.
2. Enquanto se espera o print screen chegar, perguntar o que tem em volta do computador.
3. Perguntar – item por item – se usa o que está em volta ao mesmo tempo que usa o computador. Por quê? Como? Quando? Não se atrapalha?
4. Perguntar o que NUNCA usa ao mesmo tempo que o computador. Por quê?
5. Quando o print screen chegar
 - a. Descrever o print screen. (ex: Você tá usando o msn, o email...) O que você costuma fazer que não está aparecendo?
 - b. Perguntar se esse é o uso típico do entrevistado
6. Em qual cômodo da casa você está? Está sozinho ou está falando com outras pessoas? É sempre assim?
7. Caso isso já não tenha sido explorado na pergunta 3.
(Se for necessário, retomar algum ponto para aprofundamento. EXEMPLO: Você disse que usa o celular junto com o computador. Onde está o celular agora?)
 - a. Onde está o seu celular? Por quê?
 - b. Tem televisão perto de você? Está ligada?
 - c. E som? Você está com o som ligado? Onde (computador, Ipod...)?
 - d. Você está fazendo mais alguma coisa além de estar no computador?
 - e. E o que você está usando no computador agora, MUDOU ALGUMA COISA desde que mandou o print screen?
8. Quais atividades você costuma fazer ao mesmo tempo (Por quê? Não se atrapalha?):
Computador e celular
Computador e telefone fixo
Computador e televisão
Computador e som
Televisão e telefone fixo / celular
Celular e chat
9. Como você se sente fazendo um monte de coisas no computador?
10. E fora dele?
11. Quantos e-mails você tem? Por quê? Quais as diferenças entre eles?
12. Com quantas pessoas você costuma falar no msn? Caso o número varie, perguntar a que se deve essa variação. E agora, com quantas pessoas você está falando além de mim?
13. Caso o entrevistado costume deixar o status “aparecer offline”, perguntar como as pessoas conseguem achá-lo e como ele consegue achar as pessoas que também fazem isso. (Fazer perguntas semelhantes sobre o g-talk, caso o entrevistado também use esse programa.)
14. Como você escolhe o seu nick? Por quê? Troca com frequência? Por quê?
(Se o entrevistado não costuma trocar o nick, perguntar o que ele acha dessa prática de trocar nicks com frequência.)
15. Explorar como o entrevistado percebe as diferenças entre os recursos de comunicação instantânea (msn, skype, g-talk, tel, cel...) e não-instantânea (email, orkut...). Perguntar quais são as suas preferências e o porquê dessas preferências.
16. Perguntar quando usa o skype (ou g-talk), o msn, o celular e o telefone fixo.
17. O que faria se você quisesse conversar com alguém agora? Usaria o quê?

18. Perguntar quando usa mensagem no celular, no orkut e email
19. O que faria se você quisesse mandar uma mensagem agora? Usaria o quê?
20. Em lugares públicos, você fala no celular? E quando tem muita gente por perto e você quer ter uma conversa mais íntima, como você faz?
21. (Caso se afaste, vá para um canto ou algo no gênero) Você acha que isso garante a sua privacidade?
22. Como você lida com a questão da privacidade no celular? E na internet, como fica essa questão?
23. O que você acha da lei que proíbe o celular enquanto a pessoa dirige? Por quê?
24. Qual é a dificuldade de falar no celular e dirigir ao mesmo tempo?
25. Qual a diferença de falar, dirigindo, com o celular e com uma pessoa ao lado?
26. Comparações com situações reais. (Qual é a situação real que mais se assemelha com.....?)
 - Messenger
 - Orkut
 - E-mail
 - Blog
 - Fotolog
27. PERGUNTA PARA FECHAR A ENTREVISTA: Gostaria de acrescentar alguma coisa?

3. Análise dos Dados

Feitas as entrevistas, os depoimentos foram cuidadosamente analisados de acordo com as técnicas do já referido MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007). Essas técnicas abrangem duas etapas: a análise inter-participantes e a análise intra-participantes.

A primeira consiste em uma análise das respostas dadas pelo grupo como um todo. Após a leitura de todas as entrevistas, as respostas dos participantes são agrupadas com base em categorias que emergem de seus próprios discursos. Deste modo, pode-se ter uma visão panorâmica dos depoimentos. Esta visão panorâmica evidencia as respostas recorrentes que já apontam algumas tendências centrais nos resultados.

Passamos, então, à segunda etapa, a intra-participantes. Nesta fase, cada depoimento é relido e analisado ainda mais minuciosamente. Essa nova análise tem o propósito de detectar possíveis conflitos e contradições existentes em seus discursos isolados. Caso seja necessário, volta-se à primeira análise para maior aprofundamento, passando em seguida para a segunda e assim sucessivamente.

De modo análogo ao que ocorre com o número de entrevistas, a quantidade de rodadas de análise também pode ser determinada pela saturação da informação. Ou seja, a análise pode ser considerada suficiente quando as nuances de significado explícito e implícito tiverem sido devidamente exploradas e as novas rodadas deixarem de apontar novos resultados ou detalhes relevantes para a pesquisa.

Resultados

A partir de elementos comuns aos depoimentos de vários entrevistados, agrupamos os resultados em categorias que nos ajudam a entender como eles lidam com as diversas possibilidades de alcançar outros espaços a partir de seus quartos. Essas categorias são apresentadas a seguir com alguns fragmentos de relatos² para torná-las mais claras.

² Para garantir a fidedignidade, em todos os depoimentos foi mantida a grafia dos entrevistados. Quando necessário, foi colocado entre colchetes algum esclarecimento ou a grafia correta.

a) Sensação de fazer tudo ao mesmo tempo:

Praticamente todos os entrevistados tinham o hábito de realizar diversas tarefas enquanto estavam no computador e a maioria deles encarava este hábito com naturalidade. Na maioria dos casos, o uso do momento da entrevista (revelado pelo print screen) correspondia ao uso típico do entrevistado, com pequenas variações. Geralmente, os jovens conversavam com algumas pessoas no Messenger, tinham abertas janelas da Internet e, algumas vezes, outro(s) programa(s), como o Media Player (para tocar músicas) ou o Word (para edição de texto). Joy, por exemplo, falava com cinco pessoas no MSN, tinha abertos o Orkut, o Word e ouvia música no iTunes.

É interessante notar que a realização de tarefas múltiplas é uma prática tão comum no cotidiano dos jovens entrevistados que a maioria deles afirmava se sentir “normal” com isso, e a estranheza e o desconforto ocorriam quando não estavam fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Isso pode ser ilustrado pela fala de Julia:

“se eu NÃO estou fazendo tudo [ao mesmo tempo]... aí me sinto meio entediada”.

O depoimento de Fernanda é em tom semelhante:

“... se tiver com menos coisa eu fico achando alguma coisa inutil pra fazer , ... aí [aí] abro o jogo de paciencia e coisas do tipo”.

Márcia Valéria, 25 anos, explica a razão para essa multiplicidade de atividades simultâneas:

“com essa correria q [que] é a nossa nos dias de hoje, temos que nos adaptar a fazer várias coisas ao mesmo tempo!?”.

Já Isabela, 18 anos, fala sobre uma sensação de poder ao realizar múltiplas tarefas:

“parece q [que] eu sou bem poderosa.. pq [porque] consigo fazer várias coisas ao mesmo tempo e naun [não] deixar niguem [ninguém] esperando pra falar.. acho q [que] sei administrar bem as minhas coisas.. nunca é demais.. igual coração de mãe sabe.. sempre cabe mais uma pessoas falando, ou mais um site.. sei lá..”

Fora do computador, nem todas as tarefas são consideradas conciliáveis. Em geral, aquelas que requerem interatividade (falar ao telefone, ao celular ou conversar pelo MSN) representam maior dificuldade de conciliação com as outras. É o caso de Luiza, que quando perguntada se é possível conciliar celular e TV, responde:

“não!!!! num consigo (...) me irrita muita coisa junto (...)ah não ser q [que] alguém esteja falando comigo sobre um filme.. uhauhauh [gargalhadas] (...) muito barulho!!! é que pra você entender, você teria que morar aqui... é muito barulho pra dar atenção a um celular”

Outros, como Rafael, afirmam que a principal dificuldade para conciliar tarefas como celular e computador é de ordem motora:

“fica meio difícil de usar o mouse, o teclado e o celular ao msm [mesmo] tempo, afinal só tenho duas mãos...rs [risos] (...) mas em geral é trunkilo [tranquilo] ...rs [risos] ... soh [só] digito mais devagar”

A atividade simultânea ao computador mais freqüente entre os jovens era a televisão. O depoimento de Marcos é bastante ilustrativo e este respeito:

“eu ligo o pc [computador] e ligo a tv ao msm [mesmo] tempo sempre”

Alexandre, 22 anos, que assistia a um jogo de futebol enquanto usava o computador, explica que não tem dificuldades para dividir a atenção:

“to [estou] bem acostumado...rs [risos] (...) exemplo...agora estou respondendo uma pesquisa no msn e vendo o jogo do milan...rs [risos] (...) estou aki [aqui] concentrado no msn, mas ouvindo o jogo...se vejo q [que] a entonação do narrador muda eh [é] pq [porque] eh [é] lance importante, aí paro e olho.”

Quando perguntados acerca dos tipos de tarefas que consideravam impossíveis de conciliar com o computador, alguns dos entrevistados não sabiam o que responder. Luiza, 22 anos, diz:

“Hum... que eu nunca uso [junto com o computador] (...) boa pergunta (...) não sei.”

A já citada Isabela fala que consegue, com facilidade, até comer enquanto está no computador:

“tenho muita coordenação motora e consigo comer tranqüilamente.”

Outros, entretanto, apontaram as atividades que julgavam inconciliáveis. É o caso de Alice, 18 anos:

“Ler.. Não tem nem como, né? Geralmente eu leio antes de dormir. E namorar, né? Ficar com as amigas, conversar... não dá! :)”

Em todos os casos, a pergunta sobre tarefas inconciliáveis ou dificilmente conciliáveis é sentida como estranha.

b) Prioridades / Foco

Como executam várias tarefas “ao mesmo tempo”, os jovens precisam direcionar sua atenção de acordo com determinados critérios. Os depoimentos a seguir indicam o que eles fazem para administrar as atividades concomitantes.

Isabela revela como consegue fazer uma pesquisa enquanto conversa com os amigos pelo MSN:

“eu consigo focar atenção ao q [que] estou pesquisando, mas se o msn está ligado eu demoro um século para responder as pessoas q [que] falam cmg [comigo]!”

Já Lucas explica como dividir a atenção:

“Em tudo tem um critério de preferência. Assunto, relação com a pessoa, intenção com a pessoa. Não necessariamente nessa ordem.”

O mesmo entrevistado fala ainda sobre a prioridade entre uma conversa pessoal e um contato virtual quando as duas situações ocorrem simultaneamente:

“Minha mãe tava aqui no quarto agora pouco. Eu tirei os olhos da tv e passei a prestar atenção nela. Como ela não estava falando nada que eu considerasse útil (...) ela ficava com o tempo da tv. A espera por mensagens³ (...) do pc.”

Outros participantes também afirmam que nessas circunstâncias o real tem sempre prioridade sobre o virtual. Como exemplifica a fala de Marcos, 22 anos:

“[acontece de vc estar falando com alguém pessoalmente enqt está no pc?] claro (...) mas eu paro de flar [falar] no pc pra falar com a pessoa ao vivo eh [é] claro (...) mesmo que seja reclamação...nunca vou substituir uma pessoa por objeto nenhum”

c) Status e Nicks do Messenger

No MSN Messenger, o usuário pode definir seu *status*, ou seja, sua disponibilidade para responder às mensagens de outros usuários. Ele pode aparecer como online (o que significa “totalmente disponível”), ocupado (que pode ser entendido como “disponível apenas para assuntos importantes”), ausente (que indica que naquele momento o usuário não está no computador) ou offline (quando o usuário está desconectado do programa). Existe ainda a opção “aparecer offline”, que permite ao usuário entrar no programa sem que os outros usuários saibam que ele está conectado. Cada um desses *status* é indicado pelo ícone (um bonequinho) localizado do lado esquerdo do nickname do usuário. Quando o usuário está online, seu bonequinho fica verde. Quando está ocupado ou ausente, o ícone permanece verde, mas há uma bolinha vermelha (ocupado) ou um pequeno relógio (ausente) ao lado do boneco. No caso de estar offline, o bonequinho fica cinza. O uso de tal recurso foi sendo ampliado e hoje é possível colocar no local destinado a *status*: “ausente”, “em horário de almoço”, “volto logo”, “em ligação” ou, mesmo, “offline”.

O nick (do inglês *nickname*, apelido) é uma palavra ou expressão que o usuário utiliza para se identificar. Pode ser o próprio nome, um apelido ou qualquer outra palavra. Cada vez que o usuário envia uma mensagem para outro usuário, na janela da conversa aparece “Fulano (nick) diz:” seguida da mensagem. Além do nick, existe ainda um espaço para uma mensagem pessoal, que é exibida na parte superior da janela de conversa. Tanto o nick quanto a mensagem pessoal e o status podem ser modificados a qualquer hora.

Os participantes usam esses recursos de maneira bastante variada. Apesar de o *status* ter uma função prática, muitos não o utilizam de acordo com esta função. Camila, de 25 anos, por exemplo, entra invariavelmente com o status ausente. Ela diz:

“não consigo colocar online, sempre entro como away [ausente], no inicio era para eu selecionar quem eu ia falar ... mas tem tanto tempo que entro away [ausente] que todo mundo já sabe que eu estou aqui.. rs [risos], é costume já colocar away [ausente], está no automático já.”

Bianca, 19 anos, tem um comportamento semelhante ao de Camila:

³ A espera por mensagens corresponde ao tempo que um usuário espera para receber uma resposta de seu interlocutor no MSN.

“[meu status] costuma ficar no ocupado (...) pq aí tenho desculpa caso as pessoas com quem não quero falar fiquem chateadas (...) elas não podem pensar ‘ah, ela tá online e nem falou comigo’”

Já Márcia Valéria diz:

“sempre online quando eu posso conversar!! (...) se eu estiver ocupada como agora, ausente!! (...) porq [porque] mesmo com status ocupado, sempre alguém vem conversar com você (...) agora ausente, é porq [porque] vc [você] não está ou não pode falar no momento (...) é mais eficaz!”

Quanto aos nicks, tem se tornado uma prática comum trocá-los com frequência e utilizar o espaço destinado à identificação para escrever mensagens de acordo com o humor ou com a inspiração do usuário. Camila, por exemplo, durante a entrevista, anunciava em seu nick que estava vendendo uma esteira. Mas ela própria criticava o uso dos nicks para dizer o que o usuário está fazendo no momento:

“acho meio tosco ficar dizendo no nick o que vai fazer: Ex: Fulana, fui andar com o cachorro”, “ou fazendo monografia”, eu só coloquei pq [porque] quero mesmo vender a esteira”

Boa parte dos participantes, assim como Camila, afirmou não gostar dessa prática. Márcia Valéria explica o porquê:

“vc [você] nunca sabe com quem está falando, ou fica na dúvida!! a pessoa coloca abc, aí aparece abc falando com vc [você]... então vc [você] tem q [que] olhar o email inscrito para saber de quem se trata eu acho q [que] não teria necessidade, apenas o nome da pessoa seria mais fácil, até porque muitas vezes vc [você] está falando com mais de uma pessoa e isso pode confundir.”

Carla, 20 anos, também revela não gostar desse tipo de comportamento, mas por outros motivos. Diz:

“po eu num [não] gosto mt [muito] naum [não]... parece que quer que todos saibam como vc [você] está e o q [que] fez e tal...”

Por outro lado, alguns participantes adotam e criticada troca de nicks. É o caso de Artur, 18 anos:

“ahh [eu escolho meu nick] de acordo com o q [que] acontece comigu [comigo]... (...) qnd [quando] tem alguma coisa q [que] eu voh [vou] eu troco tipo shows ai boto dizendu [dizendo] q [que] vou sab [sábado].”

Isabela, 18 anos, acrescenta que essa utilização do nick como mensagem indireta também serve para descobrir as novidades dos amigos de sua lista do Messenger:

“... [meu] nick é sempre Isabela e qd [quando] tem algo mt [muito] marcante ou uma música q [que] não sai da minha cabeça eu escrevo no espaço de mensagem pessoal q [que] funciona como se fosse uma msg [mensagem] do seu dia, é legal pq [porque] vc [você]

sempre descobre algum babado de alguém da sua lista, desconfia do estado emocional pelo tom melancólico ou divertido pelo q [que] as pessoas escrevem.”

A grande maioria dos entrevistados já fez ou faz eventualmente alguma mudança em seu nick. Mesmo aqueles que criticaram a prática, vez ou outra também já alteraram seu nick, ainda que sutilmente.

d) Ferramentas de comunicação instantâneas e não-instantâneas

Na Internet, bem como “fora” dela, os recursos de comunicação podem ser instantâneos ou não- instantâneos. Os instantâneos (ou sincrônicos) são aqueles que, como o telefone fixo, o celular e o MSN, permitem uma interação em tempo real. Já os não-instantâneos (ou assíncrônicos), como Orkut, e-mail e mensagem de celular, são aqueles em que o usuário envia uma mensagem para seu interlocutor, mas não espera ser respondido imediatamente.

Nesta categoria, foram agrupados os depoimentos que indicavam os usos e preferências dos entrevistados em relação aos recursos instantâneos e não-instantâneos e o porquê de suas preferências.

Quanto à comunicação instantânea, em geral, os jovens utilizam mais as ferramentas da Internet que o celular. Este último costuma ser usado apenas para assuntos mais importantes e urgentes, ou quando a pessoa com quem se quer falar não está online. É o que ilustra o depoimento de Lucas. Quando perguntado que recurso usaria se quisesse conversar com alguém naquele momento, ele responde:

“Eu conversaria pelo msn (...) [e se a pessoa não estivesse online?] depende da importancia do que eu tenho pra falar. (...) Se for importante e demanda atenção imediata... Eu ligo (...) se não, eu espero ficar online.”

Logo em seguida ele menciona que não usa mais o telefone fixo e explica uma das razões de sua preferência pela Internet:

“ora bola.s (...) telefone fixo (...) é uma coisa que eu não uso mais. (...) Celular é muito caro. (...) A internet (...) é um meio de comunicação barato,. (...) Aliás, o mais barato.”

Com relação à comunicação não-instantânea, os recursos mais utilizados são o Orkut e a mensagem via celular. O e-mail, por sua vez, geralmente é reservado para assuntos considerados mais sérios e formais, como comunicação de trabalho ou de faculdade, ou ainda para o envio de arquivos. Isabela, por exemplo, diz preferir o Orkut e expõe o motivo:

“acho q o orkut eh [é] mais prático do q [que] o e-mail.. acho q o e-mail parece uma coisa mais formal... não gosto muito não.. só uso ele pra falar com pessoas q [que] naum [não] tenho no orkut ou msn [Messenger].. como meu pai ou algumas tias, professores ... ou então pra enviar arquivos grandes...”

Luiza também explica suas preferências quanto ao uso das tecnologias não-instantâneas. Para ela, a opção depende de onde ela está quando quer se comunicar com alguém:

“se eu to na rua, uso [mensagem de] celular (...) se eu to em casa e quero mandar msg [mensagem] pra alguém eu mando pelo orkut (...) e e-mail quando eu mando algo de trabalho.. algum assunto mais sério (...) ou pra ver qual festa terá no fds [fim de semana].”

É interessante notar também que algumas das tecnologias assíncronas, como os recados no Orkut ou as mensagens de celular, são utilizadas por alguns jovens como ferramentas síncronas. É o que explica Miguel. Ao ser perguntado sobre a forma que usaria para se comunicar com alguém imediatamente, ele responde:

“(...) orkut... entro praticamente todo dia (muitas vezes ficando conectado direto... só atualizando...) e respondo quase sempre assim q [que] leio...”

O relato do já referido Lucas também indica a possibilidade de uso do Orkut como ferramenta instantânea:

“o orkut depende de uma série de fatores, como as duas pessoas na pagina ao mesmo tempo. Quando isso acontece e tem uma minima troca de mensagens, as pessoas trocam várias... como se fosse um msn [Messenger].”

Por fim, o testemunho de Fernanda faz coro aos dois anteriores:

“o orkut, pra mim, está fora dessa classificação... porque pode ser tanto instantaneo quanto nao instantaneo. (...) pq [porque] mts [muitas] vezes vc [você] consegue falar instantaneamente com uma pessoa pelo orkut... por scrap [recado], coincide de a pessoa tambem estar on-line, ou até numa comunidade, eh [é] possivel que varias pessoas q [que] estejam on-line se comuniquem instantaneamente”

e) Privacidade na Internet e no celular

Alguns participantes da pesquisa revelaram não se preocupar muito com a privacidade nos ambientes da Internet. A resposta de Artur, ao ser indagado sobre sua preocupação com a privacidade na Internet, é bastante sugestiva disso:

“ahhh essa nao faço questao nao... (...) soh [só] as vezes q [que] me comunico por depoimentos⁴ no okrut. (...) pq tem mais privacidade por ele...jah [já] q [que] quem pod ler eh [é] somente o proprio dono do orkut.”

Guilherme tem a mesma opinião:

“bom nao me importo mto [muito], nao me exponho mto [muito] no orkut ou coisas do tipo...minha privacidade com meus amigos e amigas eh [é] mais em msn, telefone msmo.”

Um testemunho semelhante ao de Artur e Guilherme é dado por Alice:

“no orkut o que eu falo por scrap [recado] eu não ligo que vejam.. se eu estou afim de escrevr algo privado, eu mando por depoimento ou por msn [Messenger] mesmo.”

Por outro lado, a maioria dos entrevistados afirmaram ter algum cuidado com o grau de exposição na rede. Vejamos alguns exemplos.

⁴ O depoimento é um recurso do Orkut que tem a função de um usuário fazer um testemunho sobre um amigo da rede. Após aprovado fica visível para qualquer pessoa que visualizar o perfil de quem recebeu o depoimento. Por necessitar de autorização, os usuários têm utilizado o depoimento para enviar recados de forma que ninguém tenha acesso, pois o depoimento não aceita só fica disponível para quem enviou e para quem recebeu.

Ao responder à pergunta sobre sua privacidade na rede, Lucas diz:

“preservo bastante. (...) Oras... Não saio por aí contando tudo da minha vida para qualquer um (...) você pode olhar o meu orkti [Orkut] (...) Não tem nada que denuncie minha vida pessoal (...) tem o que todo mundo sabe (...) Meu rosto,. (...) E algumas opiniões das pessoas sobre mim.”

Carla encara o assunto de maneira parecida:

“ah isso eh [é] complexo mas tento naum [não] escancarar minha vida em orkut nicks ou sei lá uq [o quê]... afinal todo mundo tá vendo sei lá meio BBB⁵.”

Já Alexandre fala que procura ser cauteloso e explica as razões de sua preocupação:

“pior...pq [porque] qualquer coisa escrita pode ser usado contra vc [você] (...) nunca escrevo nada comprometedor na net [Internet]... não mais (...) aprendi q [que] comprometedor é melhor em palavras q [que] vc [você] pode desmentir”

Fora de casa, o celular substitui o computador como plataforma de interatividade à distância. Os relatos sugerem que os celulares são usados com uma espécie de espaço privado móvel, embora a maior parte dos entrevistados não pareça ter consciência disso.

Ao serem perguntados sobre o que faziam para preservar a intimidade de uma conversa ao celular em lugares públicos, a maioria deles informou que prefere não tratar de assuntos privados em tais circunstâncias. Mesmo assim, admitem que eventualmente acabam conversando a respeito de assuntos privados no celular quando estão em público. Nessa situação, dizem que procuram falar mais baixo e se possível em um lugar mais calmo e/ou reservado.

Marcos, por exemplo, expressa sua opinião sobre conversas íntimas em público:

“evito (...) mas falo (...) alias, so falo (...) mas eu detesto quem fala alto no celular (...) eu falo baixinho e rapido [e para ter uma conversa mais íntima quando tem gente por perto?] espero (...) chamo pra um canto, ou digo que quero fazer isso depois [você acha que isso garante a privacidade?] nao (...) mas eh melhor que rodar a baiana (...)nao há [privacidade no celular] (...) eu so procuro falar baixo e rapido...nego que berra no celular eh [é] muito ridiculo, eu ainda tou pra começar a opinar na vida de alguem do nada, so de sacanagem”

Paula sabe que se afastar não garante sua privacidade, mas admite que tem essa impressão:

“da [dá] um sensação de q sim ... eh q parece q ninguém tah ouvindo sabe, igual a porta fechada...”

Márcia revela usar procedimento análogo:

“bom se eu estiver em um restaurante, bar etc....., peço licença e vou ao banheiro para ficar mais a vontade ... agora se eu estiver onde não há banheiro, eu procuro um lugar mais calmo e vazio ... não garante [a privacidade], mas é a melhor forma quando se está em público!!”

⁵ Alusão ao reality show Big Brother Brasil, em que os participantes ficam confinados em uma casa que é filmada 24 horas por dia.

Outros depoimentos revelam que o comportamento de Paula e Márcia é o habitual entre os jovens. Nos dias de hoje, podemos observar com frequência essa construção de algum tipo de divisória imaginária para separar um espaço temporariamente designado como privado daquele que é visivelmente público. Contudo, enquanto o comportamento é freqüente, a consciência de que um espaço privado está sendo construído dentro de um espaço público, tal como Paula demonstra ter, não é.

f) Dirigir e falar ao celular

Assim como no caso de falar ao celular e usar o computador, boa parte dos jovens considera que a maior dificuldade para conciliar as tarefas de dirigir e conversar ao celular é de ordem motora. Este é o caso de Rafael, que dá a seguinte resposta quando perguntado a respeito da lei que proíbe o uso do celular ao volante:

“sendo o aparelho eu concordo...pq te faz tirar uma das mãos do volante (as vezes as duas qd tem q passar marcha) e isso diminui sua velocidade de reação...mas quanto ao blootooh [Bluetooth] não axo [acho] nada d+ [demais] usar ... o fato de estar falando ao telefone torna-se igual ao falar com alguém q esteja [esteja] no banco do carona ...”

Ainda sobre a lei, um depoimento análogo ao de Rafael é dado por Marcos:

“acho correta,apesar de ngm [ninguém] respeitar ne...”. Quanto à diferença entre falar no celular e com a pessoa ao lado enquanto dirige, ele completa: “depende,se vc ta com o celular na mao, tem diferença pois sua possibilidade de reacao eh meno [menor],agora se vc ta com o microfone pra mim n [não] tem diferenca ... eh u [o] mesmo q escutar musica,a distração eh parecida.”

Alguns entrevistados, no entanto, tiveram opiniões diferentes. Alice, 18 anos, opina:

“o celular distrai muito mesmo... é uma forma de prevenir batidas bobas e outros acidentes sem risco e com risco. O celular dispersa a atenção... então você perde algumas coisas do trânsito por estar mais distraído. Pelo assunto mesmo, eu acho. Questões motoras nem tanto, pois tem celulares que permitem fones.”

Para Isabela, 18 anos, o a dificuldade motora não é o único problema, pois a concentração também é influenciada pela conversa enquanto se está dirigindo. Ela diz:

“acho q [que] quando a pessoa está no celular ela meio q [que] se prende a conversa e se desliga do mundo.”

g) Comparações

A categoria comparações entre os meios virtuais (MSN, Orkut, e-mail, blog e fotolog) e situações reais foi muito importante para o tema da pesquisa, porque abriu caminho para entendermos a relação entre os diferentes espaços. Embora não fossem pedidas explicitamente comparações com espaços não-virtuais, boa parte dos entrevistados estabeleceu esse tipo de analogia – alguns com uma criatividade brilhante. Vejamos algumas dessas comparações interessantes.

Um exemplo curioso são as comparações feitas por Priscilla. Para ela, o MSN pode ser comparado a uma praia. Ela explica:

“tem aquela conversa no calçadão com quem vc encontra casualmente q geralmente não dura mt tempo ..., tem aquele mergulho no mar com aquela sua beeeeeest [melhor amiga] q vc consegue contar coisas secretas ... e aquele papo de um bando de gente torrando na areia ...!”

Já o Orkut ela associa à famosa Rua das Pedras em Búzios. Diz:

“...tem um bando de genteeeee q vc vê sempre, ... vc falaria com um ou outro (aqueles scraps [recados] básicos e simpáticos), tem aquelas pessoas q vc toma aquelas tequilas e fica junto a night toda e como consequência disso altos depoimentoos, lembranças, homenagens...e tem aquele povo amigo do amigo, colega do peguete [espécie de “ficante”], q vc tem ali naquela rua (pág [página]) mas nem fala direito.”

No entanto, não foram muitos os entrevistados que demonstraram a capacidade de visualização de Priscilla. E-mails foram geralmente comparados a cartas. Os blogs não suscitaram nenhuma comparação com um espaço físico; a analogia mais comum foi com diários. Já os fotologs geraram uma única comparação com porta de boate. Segundo Francisco:

“nego vai pra lá so pra ver a cara de todo mundo, nego fala um oi ouve uma ou duas frases e ja muda...”

Conclusões

Os resultados acima descritos, obtidos a partir da análise de relatos de jovens usuários de tecnologias, nos conduzem a algumas conclusões acerca da experiência de viver em novos espaços. Como ficou claro, os atuais recursos de comunicação trouxeram mudanças significativas nos hábitos das novas gerações. Com tais recursos, tornou-se possível transitar entre diferentes espaços físicos e virtuais em uma velocidade tão grande que essa alternância de espaços sequer é percebida. Embora tal circulação seja uma tendência entre todos os entrevistados (que podem ser considerados representativos de seu grupo social – jovens das camadas médias urbanas), a maioria deles não se dá conta desse trânsito. O que eles sistematicamente revelavam perceber era o fato de que realizavam tarefas múltiplas “ao mesmo tempo”, sem que houvesse indícios da percepção de que muitas dessas tarefas eram executadas em espaços diferentes.

Os jovens, mesmo sem que o notassem claramente, circulavam livremente por um espaço no qual não havia fronteiras, barreiras ou outras linhas divisórias. Contudo, apesar da ausência de consciência de que estavam constantemente entrando e saindo de espaços distintos (mesmo que seu próprio discurso estivesse repleto de expressões como “entrar” e “sair” de “ambientes” ou “lugares”), os jovens entrevistados claramente conheciam as especificidades de cada um deles.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2000)

HARVEY, D. (1999). *Condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, Loyola. (Trabalho original publicado em 1989)

JAMESON, F. (1984). Post modernism, or the cultural logic of late capitalism. *New Left review*, 146, pp. 53-92.

JAMESON, F. (1997). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática. (Trabalho original publicado em 1991)

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. . O cotidiano nos múltiplos espaços contemporâneos. *Psicologia. Teoria e Pesquisa*, UnB, v. 21, n. 3, p. 365-373, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (2007). O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 65-73.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. ; ROMÃO-DIAS, Daniela ; LUCCIO, Flavia Di (2009). O Uso de Entrevistas On-Line no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). *Psicologia. Reflexão e Crítica*, v. 22, p. 36-43.

NICOLACI-DACOSTA, A. M. (2009). A difícil tarefa de compreender os arranjos espaciais contemporâneos. *Aguardando publicação*.

SENNETT, R. (1999). *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo* (M. Santarrita, Trad.). Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1998)

VIRILIO, P. (1999). *Espaço crítico* (P. R. Pires, Trad.). Rio de Janeiro, Editora 34. (Trabalho original publicado em 1984)